



RICARDO VERVLOET

Sem ter como irrigar a plantação, Nilton dos Santos, de Regência, perdeu sua produção de banana. “Faz sete meses que não irrigo uma planta. Sem água, morre tudo”

EFEITOS DA LAMA

Agronegócio vive calamidade sete meses após tragédia do Rio Doce

Produtores de café, cacau, banana, peixe e gado foram os mais afetados no Estado

▄ PATRIK CAMPOREZ
pmaacao@redegazeta.com.br

Nilton José dos Santos reza todos os dias para a “situação melhorar”. Desde quando a lama da mineradora Samarco chegou à Vila de Regência, em Linhares, o agricultor de 53 anos e seus vizinhos não conseguem produzir nada. “Faz sete meses que não irrigo uma planta. Sem água, morre tudo”, lamenta. A única fonte disponível para irrigar as plantações era a água do Rio Doce, que foi contaminada pela lama de rejeitos que vazou da barragem de Fundão, em Mariana (MG), deixando um rastro de destruição, mortes e muito prejuízo em Minas Gerais e no Espírito Santo.

Somente em território capixaba, pelo menos 2,5 mil famílias de produtores rurais foram afetadas. Dessas, 1.377 moram em Linhares, segundo a prefeitura. A lama gerou prejuízos a

produtores de cacau (R\$ 14,4 milhões), criadores de peixe (R\$ 19,1 milhões) e as atividades leiteira e de gado de corte (R\$ 6,1 milhões). Mas o que mais foi abalado com a tragédia é a relação dos produtores com o rio. “A gente tinha fartura, morava no paraíso, mas a lama destruiu tudo. Ninguém pesca, ninguém planta. Água para os animais só chega de car-

SEM RENDA

1.337

famílias de produtores
Tiveram a renda afetada pela lama somente no município de Linhares

ro-pipa. O rio perdeu a serventia”, completa Nilton, que cuida da propriedade de cinco hectares com a ajuda da família.

Em todo o Espírito Santo, cerca de 10 mil famílias tiveram a renda afetada pela lama, dos quais 3.023 mil ainda estão impedidas de retirar o sustento do rio (15% produtores rurais e 70% pescadores), segundo

dados da própria Samarco. Cada uma dessas famílias vive com a ajuda de um cartão que dá direito ao recebimento mensal de um salário mínimo, mais 20% (do salário mínimo) para cada dependente, além do valor de uma cesta básica.

É com esse auxílio que vive um grupo de 12 famílias de horticultores, no bairro Maria das Graças, em Cola-

RICARDO VERVLOET

tina. Mesmo utilizando água de poço artesiano, sem contato direto com o rio, ninguém conseguia vender as verduras porque os clientes achavam que estavam contaminadas. “As pessoas ficavam com nojo e desconfiavam do produto. Tivemos que derrubar as plantas e jogar tudo fora”, lamenta Thiago Pratti, que até hoje precisa explicar que a água que molha as hortas não vem do Doce.

“

As pessoas ficaram com nojo de comer das nossas hortas, pois pensavam que usávamos água do rio. Até hoje nossas vendas não voltaram



Mesmo não usando a água do rio, o horticultor Thiago Pratti viu suas vendas despencarem após o desastre